

As paisagens em transformação da crítica de artes performativas

RUI PINA COELHO

Duška Radosavljevic (ed.), *Theatre Criticism: Changing Landscapes*, Londres, Bloomsbury, 2016, 338 pp.



Não deixa de ser curioso o facto de, numa altura em que é mais ou menos consensual, mais ou menos global, a crítica de artes performativas enfrentar uma erosão em todas as suas frentes, e de as soluções encontradas para a sua sobrevivência (nomeadamente, a migração para o espaço digital, a concentração em publicações especializadas ou a sua aproximação à dramaturgia e às salas de ensaio) não serem, elas próprias, isentas de problemas. Nem deixa de ser curioso, repito, o facto de se terem publicado, nos últimos anos, tantas e tão sólidas publicações sobre crítica. Penso, em particular, em *After Criticism: New Responses to Art and Performance*, editado por Gavin Butt (Blackwell Publishing, 2005), *The Death of the Critic*, de Rónán McDonald (Continuum, 2007), *On Criticism*, de Noël Carroll (Routledge, 2009), *Scènes de la Critique*, dirigido por Emmanuel Wallon (Actes Sud-Papiers, 2015), *How to Write about Theatre: A Manual for Critics, Students and Bloggers*, de Mark Fisher (Bloomsbury, 2015) ou *Better Living Through Criticism: How to Think About Art, Pleasure, Beauty and Truth*, de A. O. Scott (Jonathan Cape, 2016), entre muitos outros títulos.

Recentemente, talvez a mais relevante obra seja o importante volume coordenado pela dramaturgista, crítica e académica Duška Radosavljevic (actualmente docente na Royal Central School of Speech and Drama, em Londres), *Theatre Criticism: Changing Landscapes*, publicado pela Bloomsbury, que tem vindo a dedicar parte substantiva do seu catálogo a «Drama and Performance Studies» e, em particular, à crítica de artes performativas. *Theatre Criticism: Changing Landscapes* é, antes de mais nada, uma corajosa aproximação ao estado actual da crítica de artes performativas em diferentes contextos geográficos e artísticos, dando um enquadramento global e internacional às suas diferentes tradições e práticas. Ainda que o impulso seja o de uma perspectiva internacional, dando conta de vários contextos europeus, norte-americanos e canadianos, o foco está, de alguma maneira, determinado pelo espaço artístico

e crítico eurocêntrico, e em particular, britânico. Este foco específico não impossibilita, contudo, a sua ambição de se constituir como uma obra que pretende enovelar várias práticas críticas por todo o globo, de maneira a melhor interpelar as suas paisagens na contemporaneidade. Esta abordagem é também expressa na metodologia adoptada, situando-se, assim, a crítica em linha em relação horizontal com a crítica impressa, académica e jornalística, de maneira a ter uma percepção mais holística e síncrona sobre o fenómeno da crítica na contemporaneidade.

O livro é, tal como declara a sua organizadora, uma série de *snapshots* que tentam documentar as «paisagens em transformação» que o subtítulo convoca. A pluralidade das vozes envolvidas no volume é assegurada pela extraordinária diversidade de proveniência dos contribuidores para o volume. Assim, o que encontramos é um conjunto de autores que são oriundos de diversas tradições, formação e meios profissionais: historiadores, jornalistas, críticos académicos; *freelancers* e membros da Associação Internacional de Críticos de Teatro; editores de revistas especializadas em artes performativas ou críticos especializados na escrita para o espaço digital – uma incrível panóplia de vozes.

O livro é dividido em quatro partes. A primeira é dedicada a diversos contextos e histórias da crítica de teatro («Contexts and Histories of Theatre Criticism»). Deste modo, são-nos oferecidos retratos dinâmicos da crítica de teatro nos Estados Unidos da América (desde 1945), na Letónia, na Grécia, na Rússia, na Itália e na Alemanha, por George Hunka, Valda Cakare, Savas Patsalidis, Kristina Matvienko e Margherita Laera e Vasco Boenisch, respectivamente. Esta primeira parte é concluída por um original artigo de Andrew Haydon, sobre a história da crítica de teatro em linha em Inglaterra, sinalizando as extraordinárias alterações que o exercício da crítica em blogs pessoais ou em sítios especializados veio trazer. A narração desta história, nas duas diversas fases, vem enquadrar o trabalho de vários críticos e publicações em linha que, não obstante as resistências da crítica tradicional, são hoje determinantes para compreender a prática crítica no Reino Unido (e, em rigor, fora dele). A singularidade deste capítulo é também a de ser o texto que, na primeira parte, melhor deixa perceber o projecto deste volume. Assim, num contexto pós-brexit, a convocação e a legitimação da crítica em linha e das práticas artísticas a que normalmente se dirigem (que poderíamos designar, muito apressadamente, de pós-dramáticas) revela-se intrinsecamente política. Basta lembrar o eco das polémicas afirmações de David Hare, no livro *What Playwrights Talk About When They Talk About Writing* (2017), de Jeffrey

Sweet, quando afirma que os encenadores da Europa Continental estariam a «infectar» o teatro britânico com as suas propostas transgressoras e pouco respeitadoras da centralidade do texto. Assim, a defesa de um teatro e de uma crítica alicerçada em processos de responsabilidade horizontal, além de ser um dos aspectos mais estruturantes deste volume, é também um claro gesto político de absoluta pertinência.

A segunda parte, intitulada «Critics' Voices» (Vozes Críticas), apresenta e contextualiza alguns dos mais importantes temas que têm animado os debates sobre crítica. Mark Fisher interpela a imagem pública do crítico de teatro recorrendo à figuração de críticos enquanto personagens em vários objectos artísticos, ajudando a construir um poliedro da figura do crítico e, com graça e ironia, destruindo alguns dos preconceitos com que normalmente se ataca a profissão. Mark Brown, tentando localizar a crítica, no século XXI, entre o jornalismo e a arte, recusa o alegado desaparecimento da crítica e insiste na manutenção de algumas das características que a tornam indispensável: nomeadamente, por um lado, a recusa do relativismo cultural onde a avaliação e a crítica não têm lugar; e por outro lado, a advocacia de um elitismo radical, onde se recusa a subserviência a uma cultura comercial e popular. Jill Dolan, reportando-se especificamente à sua experiência militante enquanto crítica feminista (em particular no blogue <http://feministspectator.princeton.edu/>), disserta sobre as possíveis articulações entre a sua docência universitária e a crítica, a relação com cultura popular (televisão e cinema) e as artes performativas, perorando a «generosidade crítica» e atentando nas «polinizações cruzadas» necessárias à prática da crítica na contemporaneidade. Por fim, Maddy Costa, recorrendo também à sua experiência pessoal, labora sobre um dos temas mais candentes e polémicos na discussão sobre a crítica, hoje: a sua aproximação à dramaturgia, defendendo a prática da crítica interna ou comprometida («embedded»).

Na terceira parte – «Changing Forms and Functions of Criticism» – são explorados e apresentados outras práticas e conceitos que poderiam, cada um deles, merecer um volume autónomo – e que são a trave-mestra deste volume. São estes capítulos que se constituem, em rigor, como os paradigmas para a crítica do século XXI e que sinalizam os contornos das paisagens em transformação que o título indica. Assim, discute-se a crítica como um evento político e como modo de desmontagem da cultura de mercado e do neoliberalismo (Diana Damian Martin, «Criticism as Political Event»); elabora-se sobre a intrínseca relação entre o acto de conversar e a crítica, questionando e perspectivando o papel da crítica na

relação directa com o público (Matthew Reason, «Conversation and Criticism: Audiences and Unfinished Critical Thinking»); discorre-se sobre processos participativos na composição da crítica («crowdsourced criticism»), identificando as suas possíveis valências no arquivismo e na historiografia teatral (Michelle MacArthur, «Crowdsourcing the Review and the Record: A Collaborative Approach to Theatre Criticism and Archiving in the Digital Age»); perscrutam-se as ligações e os diálogos epistemológicos entre arte e crítica («Articism (Art+Criticism) and the Live Birds of Passionate Responce»); e apresenta-se a crítica performativa e a escrita crítica criativa (William McEvoy, «Performative Criticism and Creative Critical Writing»).

A quarta parte («Samples of Critical Practice»), de dimensão mais lúdica, é composta por exemplos de críticas (recuperadas de publicações anteriores) que desafiam as práticas correntes e demonstram a incrível variedade das possibilidades que se prefiguram ao crítico do presente e do futuro: Alison Croggon explica «How to think like a Theatre Critic»; em «NOTA», primeiramente publicado na *Contemporary Theatre Review* (em Fevereiro de 2015), descreve o método de escrita crítica e performativa «Open Dialogues» (um projecto de Mary Paterson e Rachel Lois-Clapham, resultante da iniciativa *Writing from Live Art*, da responsabilidade do Live Art Development Agency, 2006); em «Huff», de Alice Saville, publicam-se as ilustrações criadas para criticar o espectáculo *Huff*, de Catherine Wheels Theatre Company (2014); e em «teh internet is a serious business», de Megan Vaughan, apresentando-se a sua crítica ao espectáculo homónimo (2013), composta exclusivamente com emojis. Exemplos singulares de como a maneira de fazer e pensar a crítica está em profunda transformação.

Em suma, em nenhum outro volume sobre crítica se encontra reunido um conjunto tão vibrante de reflexões sobre os procedimentos críticos na contemporaneidade. Faz-se a revisão de algumas matérias fundamentais, tais como a relevância do papel da avaliação e da interpretação na crítica de arte; discute-se o passado e o futuro da crítica na imprensa escrita; reflecte-se sobre o papel das revistas especializadas e sobre publicações em linha; explora-se a inscrição da crítica na esfera pública e abre-se a reflexão para novas formas de articulação entre públicos, crítica e artistas. Uma obra, a todos os títulos, indispensável.